

CRÔNICA

RUBY

Zeinab Mohamad Salman

2º Jornalismo

Lia-se em meu obituário:

- Manuel dos Santos, morto em 13/12/1908, por envenenamento.

Muito me entristecera, num primeiro momento, a percepção de minha real situação. Agora entendo os verdadeiros efeitos da feijoada de minha estimada sogra.

Passados alguns minutos, e com ele, o pesar da perda, me encho de lisonja ao notar que havia “batido as botas” no mesmo ano que Artur (Azevedo); João (da Câmara); José (Coelho e de Castro); Frederick (Stanley); Joaquim (Machado) entre outros.

Já do outro lado de nossa existência, observo que as pessoas são apenas avocadas pelo primeiro nome, não existindo hierarquização através de sobrenomes ou títulos quaisquer.

Cafeterias, Padarias, Charutarias, Farmácias e Bancos, formavam o principal cenário daquele surreal lugar. Pobres e ricos, negros, brancos e orientais habitavam o mesmo recinto como verdadeiros irmãos. O cheiro de bolo da vovó com cobertura de laranja me remetia à infância.

Ao ajustar-me com a atual conjuntura, observo um senhor de barbas fartas, casaco verde já desbotado, sentado em uma cadeira aparentemente desconfortável, daquelas bem antigas. Dentes amarelados pelo tempo, franzino, e com sapatos de pelica já sem brilho.

Não o conhecia e, provavelmente, era recíproco. Aproximei-me com ar de bisbilhotice, pois o homem escrevia freneticamente em uma daquelas cadernetas de capa de couro, já também bastante surrada.

Apresentei-me com cautela, não sabia o que esperar daquele ser estranho.

Rispidamente e com tom de voz alterado, o senhor disse que se chamava Joaquim e que estava escrevendo um livro.

Novamente com muita curiosidade, consegui entreolhar algumas páginas bem rabiscadas, como aquelas que fazemos anotações de telefones e coisas a fazer. Apenas neste momento consegui identificar um de seus personagens e só assim saber que Joaquim aquele senhor seria.

Com as mãos trêmulas fiz questão de cumprimentar Machado de Assis, dizendo que finamos no mesmo ano e que seria um grande apreciador de suas obras.

Rapidamente o senhor esbraveja dizendo que a grande maioria de suas obras teve que ser alterada porque seus editores diziam que a sociedade não estava pronta para digerir os conteúdos discutidos, como no caso dos irmãos Pedro e Paulo que disputando na política, no trabalho e pelo

amor de Flora Batista, acabam ficando sós, porque a moça não pôde se decidir em ficar com os dois e morre.

Com certo ar de susto, indago ao escritor sobre alguns desses assuntos censurados por seus editores. E é aí que tenho a maior surpresa.

Ele relata que seria impossível, na obra Dom Casmurro, Capitu ter traído Bentinho. Isso porque originalmente Escobar seria homossexual e vivera toda sua vida enclausurado em um seminário. Continua dizendo que agora que já fez a passagem, poderia incluir qualquer coisa, entre um capítulo e outro, que ninguém mais o censuraria.

Novamente me encho de espanto e curiosidade e, no instante em que lhe faria outro questionamento o senhor me interrompe dizendo que a obra O Alienista era para ser uma Autobiografia e que Maria Inês, sua madrasta, o proibiu de publicá-lo com esse título.

Será que esse é o escritor Joaquim ou é um velho vizinho que havia utilizado os serviços do manicômio estadual e agora se fazia passar pelo ilustre?

Com certa dúvida e receoso de que estaria sendo enganado, decidi aprofundar o assunto e interrogá-lo sobre a maior obra de Machado de Assis: Memórias Póstumas de Brás Cubas.

Como quem não queria nada, me aproximo do senhor e comento sobre o tal emplasto que Brás Cubas teria criado para curar a Hipocondria.

Um tanto decepcionado, até bastante nostálgico, o homem se lembra que na época da publicação, não existia nenhuma obra originalmente realista e que havia certa cobrança por parte da comunidade literária. Assim, ele se viu obrigado a alterar a forma de alguns de seus escritos para que conseguisse cumprir as necessidades acadêmicas.

Continuou dizendo que a história do emplasto nada mais era que a reprodução de uma fábula que ele tinha escutado, de um homem que ingeria muitos remédios por dia, e que num certo momento, desesperado por não ter condições de comprar seus medicamentos, chega ao farmacêutico e implora para que o mesmo crie uma fórmula que supra sua necessidade das cápsulas.

Agora, quase convencido de sua veracidade, quis falar um pouco mais sobre a particularidade do autor e, ao mesmo tempo entender melhor o significado da frase: "Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria", de Memórias Póstumas de Brás Cubas.

Aproveitando o falecimento de sua esposa, Dona Carolina, em 1904, e sabendo que nada que falássemos de homem para homem poderia ferir o coração da finada, pedi ao senhor que me explicasse a passagem de sua obra.

Sem me encarar, e conduzindo a uma reservada mesa de um pub, com suave cheiro de café feito na hora, o velho conta que esse fato gerou várias discussões conjugais. Disse que nunca desejou ter um filho, justamente por não concordar com a sociedade em que vivia e por não aspirar que seus descendentes tivessem que passar por tudo o que ele havia passado. Conta ainda que este

trecho da obra fazia parte de sua realidade e que uniu sua vontade de não gerar descendentes com a necessidade de se inovar na arte literária.

Após ouvir o desabafo do escritor, acabei, meio sem querer, lembrando de um boato que escutei em um bar próximo a minha residência que dizia que o senhor Machado de Assis seria homossexual e que por esse motivo nunca havia gerado descendentes.

Num tom descontraído coloco o senhor a par das fofocas, aguardando o desacordo do homem. Surpreendentemente, não obtive.

Acabou se aproximando de meu rosto e em tom de sussurro explana que a rígida sociedade burguesa o obrigou a manter sua opção sexual camuflada. Casamento de fachada, opções políticas, enfim, atitudes que não concordava e que, mesmo assim, tinha que manter a postura. Agora, tudo faz sentido. Seu descontentamento social, reprovação ao contato sexual e a reprodução.

Machado conta enfim, que Escobar na verdade era um bonito rapaz, cabelos fartos e escuros, que todos os dias passava por sua casa para entregar leite e pelo qual, o senhor tinha um grande apreço.

Meio atordoado com as notícias celestiais, experimentei uma terrível sensação em meu peito, como que num ataque do miocárdio.

Confuso com a dor, despeço-me do autor dizendo que toda nossa conversa seria mantida em sigilo.

Com certa ironia em seu sorriso, o homem, sem nenhum apego, disse-me que não seria necessário, pois no céu não existem segredos.

Após aquele momento, comecei a observar uma luz muito clara, daquelas que chegam a ofuscar a visão, e percebi que meus olhos se abriam lentamente. Imediatamente pude constatar que Ruby, minha cadela, vira-lata, havia pulado em meu peito, acordando-me daquele sonho meio pesadelo.